

A W A R U
COMISSÃO DE APOIO INDIGENISTA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data <u>1/1/89</u>
Cod. <u>NAD 00169</u>

MORREU PEDRO MAMAINDÊ
ÍNDIO NAMBIQUARA DO NORTE

Morreu um grande homem, um grande líder. Foi o homem mais digno e generoso que conheci. Essa generosidade era a marca das grandes lideranças Nambiquara. Não a desses rapazes, marionetes de madeireiros, que gostam de se auto-proclamar "chefes", e que seduzidos por seus algos (madeireiros, políticos-grileiros e garimpeiros), transplantam o modelo militar de hierarquia, ignorando que na sociedade classista seu lugar não vai ser o de "patrão" mas de "peão".

Nunca vi Pedro se dobrar diante das ofertas de "riqueza", nem mesmo quando o Sr. Romero Jucá exortou um bando de bandidos e incompetentes na administração da FUNAI em Vilhena. Na época de 86 a 90 quando a máfia instalada na ADR de Vilhena me pressionou, perseguiu, me ameaçando de todas as formas, ele nunca deixou de me sorrir, sempre solidário. Tínhamos sido cúmplices na batalha pelo retorno dos Mamaindês as suas terras. E terra ele sabia, era e é tudo. Os Mamaindê passaram uma década de fome, quando a FUNAI os transferiu criminosa - mente para fora das suas terras no final dos anos 60. Naquela época Pedro fazia roças escondidas na beira do rio Pardo e passava vários meses por ano, com suas mulheres e filhos caçando, pescando e tirando mel, "escondido" da FUNAI. Por conta dessa sua obstinação, em meados de 80, uma fatalidade levou sua mulher Rosa, afogada no Pardo. Mas ao invés de esmorecer, enterrou sua companheira e continuou sua luta. E defendia não só suas terras, pois sua consciência e experiência o empurravam na defesa dos outros índios. Foi assim em janeiro de 86 quando enfrentou o gerente-pistoleiro da Faz. Yvypytan do pecuarista Antônio R. Junqueira Vilela, defendendo o direito dos ENIRU em viver nas suas terras. Como posso me esquecer quando sozinho limpou 15 Kms das picadas demarcatórias das suas terras, enquanto o resto da aldeia era seduzida pelos servos do Sr. Jucá para que se fantasiassem de "brancos".

Pedro foi morto, assassinado pela máfia madeireira de Comodoro/MT, que conseguiu corromper um jovem aculturado, educado fora da aldeia, com promessas de poder e dinheiro. Sebastião Pareci, o assassino, hoje osta sob a proteção das pistolas 7:65, dos 38 e das me-

(2)

trahadoras. Os Nambiquara do Campo e sua associação-madeira o levaram para a cidade de Comodoro. Vai estar seguro lá, pois é a terra sem Lei, aonde PMS corruptos e bandidos circulam pelas ruas impunemente. Duas recentes operações empreendidas pela FUNAI, PF e IBAMA não resolveram praticamente nada. Não há continuidade. A violência aumentou. Funcionários da FUNAI em operação de fiscalização são obrigados a soltar madeireiros-bandidos presos, sob a mira de metralhadoras, como o ocorrido recentemente. O Ex-prefeito de Comodoro Valdir Mazutti empunhava a metralhadora nesta ocasião, mas ele não contente foi até a casa do servidor Francisco Chagas Cavalcanti ameaçá-lo de morte.

Quando morre um homem como Pedro, morre com ele o pouco da esperança que tenho de que algum dia as instituições possam funcionar. Constituinte, Estado de Direito, Ministério Público, Juiz, Promotor, Advogado, polícia.... Pra quê?

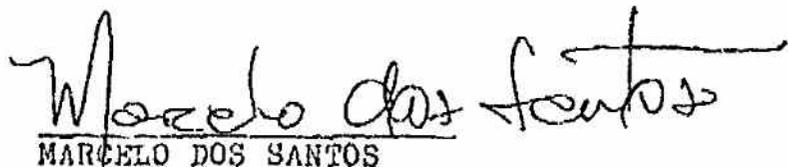
A maioria dos dirigentes e políticos deste país não são dignos do cargo que ocupam.

Minha esposa conversou com seus filhos em Vilhena dia 16 último. Desorientados e muito tristes afirmaram categoricamente " Pedro morreu porque era contra a venda de madeira.". Como explicar a seus parentes o que é LEI?

Esquartejaram mulheres e crianças Yanomami...

Se você está indignado como eu, mande uma carta a Presidência da República pedindo para acabar com esta orgia da venda de madeira pelos índios. Os procuradores da República são unânimes em declarar - " É CRIME "

Pedro não merece nosso silêncio.


MARCELO DOS SANTOS

Ji-Paraná, 19 de agosto de 1993

Exmo. Sr.
Dr. Roberto Cavalcanti
Procurador da República no Estado do Mato Grosso

PAULO EDUARDO MAMAINDÊ e LUIZ MAMAINDÊ, representantes da COMUNIDADE INDÍGENA MAMAINDÊ, sub-grupo NAMBIQUARA, que vive na Área Indígena Vale do Guaporé, no Estado do Mato Grosso, vêm, com fundamento no artigo 5º, XXXIV, da Constituição Federal, e no artigo 27 do Código de Processo Penal, expor e ao final requerer o que se segue.

1. No dia 13/08/93 foi assassinado a tiros o líder indígena Capitão Pedro Mamaindê, cacique da Aldeia Capitão Pedro, situada na Área Indígena Vale do Guaporé (MT). O crime foi cometido pelo índio mestiço (Paresí/Mamaindê) Sebastião Gonçalves, envolvido com a comercialização ilegal de madeira do território indígena. O Capitão Pedro se opunha com veemência a qualquer retirada de madeira de sua área, razão pela qual vinha sofrendo ameaças de madeireiros da cidade de Comodoro (MT) e de índios coniventes com a venda de madeira.

2. Capitão Pedro, ao ser socorrido, ainda com vida, pelo seu filho PAULO EDUARDO e pelo genro TIMÓTEO, declarou que o autor do crime havia sido Sebastião, que lhe disparou tiros de espingarda propositadamente, atingindo-lhe o peito. O Capitão Pedro estava pescando nas proximidades da aldeia quando foi atingido.

3. PAULO EDUARDO E LUIZ, desde a ocorrência do crime, vêm sendo ameaçados pelo autor do crime, que se encontra sob a proteção de madeireiros na cidade de Comodoro (MT). Atemorizados, os índios que se opõem à venda de madeira, e que tiveram o seu líder assassinado, recorreram à administração central de Brasília, em busca de garantia de vida para suas famílias. Em março de 1993, eles já haviam denunciado, em Brasília, ao Ministério Público Federal, à FUNAI e a entidades de apoio, o aliciamento de índios por madeireiros de Comodoro (MT), conforme comprova carta dirigida ao Presidente da FUNAI, em anexo.

4. PAULO EDUARDO, filho do capitão Pedro, atribui o crime ao fato de que o Capitão Pedro não permitia a retirada de madeira do território tradicional indígena, gerando insatisfação entre alguns índios e os madeireiros. A pressão sobre ele vinha aumentando a cada dia.

5. Pela presente, passamos à Procuradoria da República no Mato Grosso cópias de relatórios detalhados sobre o crime, feitos por funcionários da FUNAI com base nos nossos depoimentos.

6. Tendo em vista a atribuição constitucional do Ministério Público Federal, de defesa judicial dos direitos e interesses das populações indígenas (art.129, V), bem como a competência da Polícia Federal para apuração de infrações penais (CF, art. 144, §1º, I), e da Justiça Federal para julgá-las (CF, art.109, IV) vimos requerer a V.Exa. se digne:

- requisitar, com base no art.5º, II, do CPP, a instauração de inquérito policial para apurar a responsabilidade penal do Sr. Sebastião Gonçalves e dos madeireiros coniventes com a prática do crime já descrito.

Termos em que,

Subscrevemo-nos atenciosamente,

Paulo Eduardo Maimandê

PAULO EDUARDO MAMAINDÊ

LUIZ DE



Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

ÁREA INDÍGENA VALE DO GUAPORÉ/RO
ADR VILHENA - GRUPO MAMAINDÊ

Assassinato do CAPITÃO PEDRO (Cacique da ALDEIA CAPITÃO PEDRO)
Dia 19/08/93.

O assassinato ocorreu dentro da referida Área Indígena, próximo a Aldeia no momento em que o Capitão Pedro saiu para pescar (7:00h).

Paulo Eduardo Mamaindê, filho do Capitão Pedro relata que antes do seu pai sair para pescar, Sebastião Gonçalves (índio mestiço Paresi/Mamaindê), pegou emprestada a espingarda e cartuchos vazios (07 cartuchos) do próprio Paulo, dizendo que iria caçar naquele dia. O Sebastião voltou para sua casa e saiu de lá para caçar seguindo o caminho do Capitão Pedro que já havia saído para pescar. Sebastião saiu acompanhado da sua esposa Carlinda Mamaindê.

O Sebastião voltou para a Aldeia acompanhado de sua esposa às 4:00h da madrugada do dia 20.08.93 para devolver a arma ao Paulo e dizendo que a arma disparou no peito do Capitão Pedro e que este ainda estava vivo.

O Paulo, então, assustado chamou Luiz Mamaindê, Timóteo Mamaindê (cunhado) e Francisca Mamaindê (irmã), para acompanhá-lo até onde havia acontecido o fato narrado pelo Sebastião, que lhe disse o lugar do acontecido.

Chegando no local às 6:00h da manhã, o Capitão estava caído na beira do rio, no local de acampamento perto do fogo aceso.



Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

O Capitão Pedro se encontrava vivo e contou ao Paulo que o disparo da espingarda não tinha sido acidental, mas que quando saía do barco para o barranco do rio já bastante próximo do acampamento onde estavam o Sebastião e sua esposa, este último focou a lanterna no Capitão e atirou no seu peito.

Então o Capitão Pedro disse ao Paulo que só esperou por ele para contar o ocorrido e veio então a falecer às 11:00h do mesmo dia.

O Paulo e seus companheiros socorreram o Capitão Pedro, levando-o na rede do local do crime até a Aldeia e de lá para Vilhena, em carro emprestado, tentando chegar no hospital, porém o Capitão Pedro faleceu antes de chegar ao hospital.

O Sebastião logo após o acontecido fugiu da Aldeia.

O filho do Capitão Pedro solicita que a Funai providencie a prisão do Sebastião e apure a razão do crime, mesmo porque existe evidências de que o autor do crime esteja envolvido com madeireiros. O Capitão Pedro sempre negou qualquer negócio com madeireiros e muitas vezes expulsou madeireiros da Área Indígena e que custava a inimizade desses madeireiros. Que sempre diziam que iriam matar o Capitão Pedro.

O Sebastião se encontra foragido possivelmente na cidade de Comodoro/MT e mandando recado que irá matar o Paulo e a sua esposa Carlinda para que seu segredo não seja revelado.

Paulo Eduardo mamaindã

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

Administração Regional Vilhena

Processo n.º 1343/93

Rúbrica OP

Data 23/08/93

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE VILHENA

VILHENA, 23 de agosto de 1993

AO: Administrador Regional de Vilhena
DO: Pin Cap. Pedro
Assunto: Informação
Memo: 22/93 de 23.08.93

A PG
NO SENTIDO DO
INSTRUMENTO
INQUÉRITO O
INCLUSIVE A
DE ADREIROS
LEAFICADO
A POSSIBILIDADE
DO CASO
23/08/93

Sr. Administrador,

Vimos através desta prestar informações a respeito do assassinato do índio Cap. Pedro Mamaindê ocorrido na noite de 13.08.93.

Segundo membros da comunidade Mamaindê, na manhã do dia 13.08.93, o líder Cap. Pedro deslucou-se para uma pescaria nas proximidades da barra do rio Continental, acompanhado do índio Sebastião Mamaindê e sua esposa. Nesta mesma noite Sebastião e esposa retornaram à aldeia por volta da meia-noite, o que causou estranheza a comunidade pois, eram para retornarem somente na manhã seguinte. Por volta das 4 horas da madrugada de sábado, Sebastião informou que sua arma havia disparado e atingido o Cap. Pedro. O índio Paulo (filho de Cap. Pedro) e Timóteo (genro) deslocaram-se ao local do fato. Chegando lá encontraram o Cap. Pedro com vida e este relatou que Sebastião atirou propositalmente. Segundo Paulo seu pai lhe falou o seguinte " que ele havia descido o Rio Barão para pescar, que por volta das oito horas da noite retornou ao acampamento onde estava Sebastião, que ao encostar na barranca do Rio para deixar o barco e seguir até o acampamento que era próximo, fez barrulhos normais de quem deixa um barco de alumínio, que guardou ou arrumou os remos no barco, apanhou os peixes que havia pescado e dirigiu-se ao encontro do acampamento, que neste momento Sebastião o alumiu com uma lanterna reconhecendo-o, que lei, digo, ele

OP

também alumiou Sebastião e este então atirou nele sem comentar nada, que ele teria condições para atirar em Sebastião pois como de costume, todos os membros adultos da comunidade adentram a mata portam armas de caça, que não atirou por motivos humanitários." Estas mesmas palavras foram repetidas na aldeia perante demais membros.

O Cap. Pedro veio a falecer por volta das 13:00 horas de sábado, no percurso da aldeia a Vilhena, onde veria buscar ajuda médica. Segundo Paulo e Timóteo o Cap. Pedro estava em são consciência, não perdendo os sentidos até o momento de sua morte.

Politicamente, o Cap. Pedro foi sempre contra a comercialização de madeira e a retirada de minérios das reservas indígena. Em conversas com funcionários desta Administração ou membros da comunidade Mamaindê ou outras, sempre ressaltava a importância de manter suas terras intactas, livres de madeireiros e garimpeiros. Esta posição era respeitada mesmo por comunidades envolvidas na comercialização de madeira.

Antes de ocorrer este fato, a comunidade Mamaindê foi sempre contra a retirada de madeira na área indígena, sempre realizando fiscalização nos pontos críticos da área para que não houvesse roubo de madeira das suas terras. Era claro que esta atitude da comunidade tinha na figura do Cap. Pedro sua maior expressão. Sua liderança, digo, liderança era aceita por todos os Mamaindês naturalmente, segundo eles, devido a sua sabedoria e bondade.

Fora da aldeia, junto a Funai ou outra qualquer, as suas posições eram passadas pelos índio Lúcio (seu sobrinho) e Paulo que têm maior conhecimento de português, ou outro qualquer que têm delegação poder para tal. Segundo Timóteo por meado de julho o índio Lúcio queria que a liderança fosse assumida por Sebastião, mais jovem (+ 20 anos), que já havia morado fora da aldeia (seu pai é Parecis e sua mãe Mamaindê) por ter maior conhecimento do " mundo do branco ".

Na segunda a tarde dia 16.08.93 o índio Lúcio deslocou-se a cidade de Comodoro juntamente com índios ligados a " associação "ambikwara " responsáveis pela comercialização

WV
8

ção de madeiras nas áreas indígenas adjacentes à cidade. Retornou na tarde do dia 19.08.93 e a noite nos procurou e informou que iria iniciar a comercialização de madeira de onde tiraria recursos financeiros para consertar a viatura F-4000, " pois a mesma estava em Vilhena desde outubro do ano passado e até aquele momento não havia sido' arrumada, que a viatura era fundamental para o transporte de doentes a vilhena." Nesta mesma noite Lúcio retirou-se da aldeia em companhia de membros da associação citada acima, e alguns jovens mamaindês.

Solicitamos, que se houver represália para coibir que os mamaindês (minoria) vendam madeira, que seja tomado todos os cuidados, pois os demais membros que não estão envolvidos na comercialização da madeira estão muito revoltados.

A curto prazo, ressaltamos novamente, te, é primordial que a viatura F-4000 seja consertada, pois é a razão principal que Lúcio alegou para iniciar a comercialização da madeira.

Outrossim, informamos também que os índios Paulo e Luiz seguiram no dia 21.08.93 a Brasília para entrarem em contato com a presidência da Funai.

Atenciosament,


OSMAR ANGELO WESP
PIN / CAP. PEDRO